



Folias de reis: o eco da memória na (re)construção da performance e identidade dos foliões em João Pinheiro, estado de Minas Gerais.

Maria Célia da Silva Gonçalves*

RESUMO

Este artigo tem por objetivo analisar os significados da performance para os foliões participantes de grupos de Folia de Reis do município de João Pinheiro-MG, partindo-se do princípio de que atores e instituições tornam-se visíveis em uma sociedade por intermédio de suas performances. É por meio do exercício da performance que as identidades dos foliões são (re)definidas; na e para a performance suas auto-imagens são (re)construídas. A performance é um espaço de transformação; estar no palco possibilita ao folião um exercício único de alteridade. Na metodologia, empregou-se a etnografia, acompanhada de entrevistas gravadas e registros fotográficos.

Palavras-chave: Folias de Reis, Performances, Memória, Identidade, Ritual.

1 Introdução

A escolha do universo de pesquisa voltado para as Folia de Reis no município de João Pinheiro-MG, o qual ainda mantém muitas tradições rurais, está relacionada com a falta de estudos ou mesmo de uma documentação sociológico-histórica sobre as suas manifestações performativas e culturais, em especial a Folia de Reis.

Percebe-se que a investigação das práticas performativas das Folias de Reis exige, do pesquisador, um esforço de estudo interdisciplinar, ressaltando a necessidade deste estar atento ao respeito e à ética pelas manifestações de um

* Integrante do Laboratório Transdisciplinar de Estudos sobre a Performance-TRANSE/CEAM na Universidade de Brasília, doutoranda em Sociologia, coordenadora do curso de História da Faculdade do Noroeste de Minas-FINOM e Professora de Metodologia da Pesquisa e Sociologia na Faculdade Cidade de João Pinheiro- FCJP. mceliasg@yahoo.com.br

povo. Faz-se mister ressaltar a grande paixão da pesquisadora por folgedos, tanto pela sua estrutura dramática em relação ao lúdico existente na cultura popular, quanto pelo seu papel de manutenção/transmissão da memória e da cultura local. Este artigo é fruto desta paixão e da imersão da pesquisadora no universo da Folias de Reis local.

João Pinheiro é o maior município em extensão territorial do Estado de Minas Gerais; de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), são 10.717 quilômetros quadrados e uma população de 43.229 habitantes (IBGE, 2007). O município insere-se na microrregião do Vale do Rio Paracatu¹, localizada na mesorregião Noroeste² do Estado, distante 330 quilômetros de Brasília e 400 quilômetros de Belo Horizonte. O município se dedica fundamentalmente à agricultura, sendo, atualmente, pautada nos agronegócios.

A cidade guarda, até os dias atuais, início do século XXI, características do mundo rural no tocante aos seus costumes e tradições. Nascida numa região de transição dos bandeirantes que, em suas viagens interioranas, buscavam ouro nos estados de Goiás e de Mato Grosso. Durante muito tempo o município serviu de hospedagem a estes transeuntes, antes que estes seguissem caminho em direção às novas minas.

Fundada oficialmente em 1911, a cidade permaneceu isolada do restante de Minas e do Brasil devido à sua localização geográfica e à falta de estradas, fato este que se manteve inalterado até a inauguração da rodovia BR 040, que foi efetivada pelo [Plano Nacional de Viação](#) em 1973, momento em que o município estabeleceu um contato maior com a capital mineira e o Distrito Federal, adquirindo, assim, ares da modernidade.

Como todas as cidades do interior mineiro, mais pontualmente do Noroeste de Minas, a sociedade se formou sob os auspícios da religião católica e, ainda hoje, mantém os seus ritos e festas. Durante o ano são celebradas as festas em homenagem aos santos devocionais, destacando-se, dentre elas, as festas em

¹ A **microrregião do Vale do Rio Paracatu** é uma das microrregiões do estado brasileiro de Minas Gerais pertencente à mesorregião Noroeste de Minas. Sua população foi estimada em 2006 pelo IBGE em 210.480 habitantes e está dividida em dez municípios. Possui uma área total de 34.997,251 km².

² A **mesorregião do Noroeste de Minas** é uma das doze mesorregiões do estado brasileiro de Minas Gerais. É formada pela união de dezenove municípios agrupados em duas microrregiões.

homenagem aos Santos Reis, podendo estas serem divididas em duas categorias: as festas de tempo, ou seja, aquelas que ocorrem no período de 24 de dezembro a 06 de janeiro e as festas de votos (temporãs), que são realizadas em qualquer época do ano, em agradecimentos a uma graça (milagre) alcançada.

Embora seja um município essencialmente católico, a religiosidade que aqui se estabeleceu foi dirigida principalmente por leigos. Por esse motivo, permitiam-se que fossem mesclados costumes e tradições das outras matrizes culturais dos povos que povoaram essa região, dando origem a performances muito especiais nas Folias de Reis locais.

No município de João Pinheiro há 47³ grupos⁴ de Folias de Reis, sendo que alguns deles possuem mais de 40 anos de existência. Esses grupos são formados por homens e alguns casos existem mulheres simples, em sua maioria agricultores que deixaram a zona rural na década de 1970, época em que houve, no município, a entrada de grandes empresas multinacionais dedicadas ao reflorestamento. Com a chegada dessas empresas, esses pequenos produtores deixaram suas terras e dirigiram-se para a cidade em busca de novas formas de trabalho. Esse movimento migratório fez surgir os bairros da cidade que são hoje lócus por excelência das manifestações das Folias de Reis, folguedos que funcionam como espaço de reelaboração da identidade abalada pela mudança.

De acordo com Stuart Hall (1999), as “crises de identidade” resultam das amplas mudanças provocadas pelas novas estruturas sociais que estimulam uma reestruturação ou mesmo reinvenção da identidade cultural. A transmigração do homem do campo para a cidade não rompe com os seus valores, tradições, costumes e religiosidades, mas certamente este processo provoca transformações devido às adaptações necessárias para a manutenção das práticas culturais de outrora.

Em João Pinheiro, esse fator não foi diferente. A cidade, formada em sua maioria por pessoas oriundas do campo, acolheu os foliões e ofereceu-lhes oportunidades de adaptar suas práticas aos novos tempos. Este acolhimento fica

³ Até o presente momento, 22/02/2008, já foram catalogados 47 grupos de Folia de Reis pela pesquisadora; no entanto, existe estimativa da existência de mais de 50 grupos no município, constituindo a catalogação deste quantitativo a próxima tarefa desta pesquisa.

⁴ Também denominados ternos de Reis, companhias de Santos Reis.

explícito na constante atuação das Folias de Reis no município. Enquanto em outras regiões do Brasil a Folia de Reis é um folguedo com data marcada, ocorrendo especificamente de 24 de dezembro a 06 de janeiro, em João Pinheiro a mesma se faz presente durante o ano todo. Um mergulho pontual na pesquisa do universo desta prática religiosa permitiu a pesquisadora verificar a existência de Festas de Reis na cidade praticamente todos os finais de semana.

Essas Folias exercem importante influência cultural e religiosa na sociedade pinheirense. Essas práticas são as responsáveis pelo importante papel de guardião de um saber muito especial, a invocação dos Santos para as curas e a solução de problemas materiais e espirituais. Não raras vezes é possível ouvir de alguém que “Santos Reis curou a filha, retirou o filho do mundo dos jogos, da cachaça...”. Diante deste fato, observa-se que as Folias (re)elaboram identidades, incluem pessoas ignoradas pela sociedade, fazendo com que as práticas performáticas destes atores sociais sejam elaboradas cautelosamente.

Manuel Castells (1999: 22-23) relaciona o conceito de identidade a atores sociais e afirma que ela é “o processo de construção de significado com base em um atributo cultural, ou ainda, um conjunto de atributos culturais inter-relacionados, o(s) qual (ais) prevalece(m) sobre outras fontes de significado”. Assim, os atores sociais são os foliões e, ainda segundo o próprio autor, para eles pode haver identidades múltiplas: “No entanto, essa pluralidade é fonte de tensão e contradição, tanto na auto-representação quanto na ação social”. Isto porque a identidade constitui fonte de significado para os próprios autores, por eles originada, e construída por meio de um processo de individualização, ou seja, ela é auto-construída, pois

ritos, rotinas, rituais e espetáculos são performances da vida individual e coletiva, são a forma sensorial e perceptível pela qual as experiências e expressões se reúnem, são jogos que se fazem com a alteridade, em todos os sentidos, com todos os sentidos, são comunicação (Bião, 1996:15).

Neste sentido:

As identidades somente assumem tal condição quando e se os atores sociais se internalizam, construindo seu significado com base nessa internalização [...] Em termos mais genéricos, pode-se dizer que identidades organizam significados. [...] as comunidades, construídas por meio da ação coletiva e preservadas pela memória coletiva, constituem fontes específicas de identidades (Castells, Op.Cit.:23).

Diante dessa constatação nasceram alguns questionamentos importantes sobre a atuação, a performance e a memória e identidade dos foliões de João Pinheiro. Tratam-se de inquietações tais como: Por que a existência de tantos grupos de Folia de Reis? Quem são estes foliões? De onde vieram? Qual a importância das Foliias em suas vidas? Participar de uma Folia de Reis cria uma maior visibilidade social? Como a comunidade percebe a atuação destes foliões? Pertencer a um grupo de Folia de Reis em João Pinheiro é fator de inclusão social? Como é realizada a aprendizagem da arte de foliar? O texto pretende responder a essas questões.

Schechner assim caracteriza o que a performance pode fazer: “entreter; fazer alguma coisa que é bela; marcar ou mudar a identidade; fazer ou estimular uma comunidade; curar; ensinar persuadir ou convencer; lidar com o sagrado e com o demoníaco” (Schechner, 2003: 45). Para compreender os simbolismos das Foliias de Reis é necessário viver, conviver, participar do universo pesquisado; para tanto, a metodologia utilizada ancorou-se na etnografia, porque, ao discutir sobre as performances, Turner (1982) ressaltou que estas ocorrem em momentos marcadamente simbólicos e esclareceu o caráter polissêmico e evocativo dos seus símbolos. Olhando nesta direção, o autor considera que

Os símbolos possuem as propriedades de condensação, unificação de referentes díspares e polarização de significado. Um único símbolo, de fato, representa muitas coisas ao mesmo tempo, é multívoco e não unívoco [...] os referentes tendem a aglutinar-se em torno de pólos semânticos opostos. Num pólo, os referentes são feitos a fatos sociais e morais, no outro, a fatos fisiológicos (Turner, 1982: 71)⁵.

⁵ Tradução livre da autora.

Percebe-se que os símbolos tendem a se caracterizar pelo seu potencial polissêmico. O trabalho etnográfico consiste justamente, para Turner, no exame da articulação da trama dramática das relações simbólicas performáticas, com o jogo das relações sociais na vida cotidiana. Para entender o simbolismo dos gestos, a sociabilidade da festa, o ato de compartilhar, a doação, a aprendizagem feita ao acaso, a dramaticidade do canto, a importância da bandeira, não basta visitar os foliões, é necessário vivenciar de perto a magia da festa e do ritual.

2 Um olhar sobre a história das Folias de Reis

Os grupos de Folias de Reis são formados por cantores e instrumentistas que, na época do Natal, saem em peregrinação devota por boa parte do interior do Brasil. O ritual é complexo e guarda ligações (muitas vezes tênues) com a tradição europeia de Reis e com o teatro, música e dança herdados da cultura portuguesa:

Pelo seu caráter deambulatório e precatório atribuiu-se as origens da Folia a costumes medievais: mestres, estudantes, boêmios, mendigando e se divertindo percorreram por três séculos, do XII ao XIV, toda a Europa. Em outra versão, os ciganos são apontados como possíveis raízes dessa prática cultural, não só pelo seu nomadismo, mas também pelos instrumentos, estandartes, fitas e flores coloridas que os caracterizam. França, Inglaterra, Bélgica, Alemanha, Itália, Espanha e Portugal, entre outros, festejavam os três Reis Magos na época de Natal. O Presépio e os Autos Natalinos já eram conhecidos desde o século XIV em Portugal, mas as primeiras notícias da Folia, tal como a conhecemos hoje, remontam ao século XVI (Machado, Op.Cit.: 213-214).

Os Reis Magos fazem-se presentes no Brasil desde o início de sua colonização. Uma prova desta presença é o fato de que o Forte dos Reis Magos, em Natal (RN), ter sido fundado em 06 de janeiro de 1598, marcando a introdução do culto aos Santos Reis ainda no século XVI.

Certamente que a catequização dos índios pelos jesuítas alcançava melhores resultados quando estes utilizavam os recursos da imagem para explicar

aos índios o nascimento do Menino Deus. A utilização do presépio era mais didática e melhor compreensível e no presépio está implícita a figura dos Reis Magos. Nesta direção, observou Sebastião Rios (2006: 67):

A folia, como a música e o drama, foi usada pelos jesuítas para a catequese. Os padres Manuel da Nóbrega e José de Anchieta usavam as folias e outras danças nas procissões e nos autos, muitos escritos na língua geral. Com a consolidação da colonização, os rituais usados na catequese do índio disseminaram-se entre colonos portugueses, negros escravos e mestiços de toda sorte e foram incorporados às festas dos padroeiros.

Com o nome de Folia, existe no Brasil um grande número de grupos devocionais dos santos católicos: São Sebastião, São Benedito, São José, Divino Espírito Santo e Santos Reis. Em Portugal, segundo Câmara Cascudo (1998), folia era uma dança rápida ao som do pandeiro ou adufe. As folias brasileiras têm suas origens nas matrizes ibéricas, mas com o passar do tempo foram se modificando e na atualidade possuem características próprias.

Câmara Cascudo define Folia como:

[...] um grupo de homens, usando símbolos devocionais, acompanhando com cantos o ciclo [...] festejando-lhe às vésperas e participando do dia votivo [...] não tem em Portugal o aspecto precatório da folia brasileira, mineira e paulista [...] é uma espécie de confraria, meio sagrada, meio profana, instituída para implorar a proteção divina contra pragas malinas que às vezes infestam os campos [...] Há o rei, o pajem, o alferes, dois mordomos e seis fidalgos (Cascudo 1998: 402).

Nesta definição é possível observar a presença dos símbolos, do sagrado e profano e, principalmente, a existência de uma re-significação da folia vinda de Portugal. Não é possível pensar em uma tradição cultural de Folia de Reis em João Pinheiro-MG, tal qual existia em Portugal, nem mesmo iguais as de outras partes do Brasil. Os grupos de foliões do município guardam muitas especificidades que apontam para influências das culturas africanas da época da escravidão. Como a

performance dos palhaços, o uso de instrumentos de percussão, muita cor e alegria no ritual:

Tudo é simbolicamente usado para retratar a história seguida pela fé cristã: objetos, personagens, campos, roupas e cores [...] acreditando no caráter religioso atribuído popularmente aos três Reis Magos, protetores das famílias, das criações, das lavouras e dos bens terrestres” (Tirapeli, 2003: 40).

3 As Folias de Reis Pinheirenses entram em Cena

Na Folia de Reis, a apresentação é concebida como o ponto máximo de demonstração do valor do saber e da fé do folião, lócus de exibição do que foi aprendido, ensaiado e incorporado, muitas vezes durante uma vida. É a oportunidade do folião de mostrar para a comunidade sua arte, sua religiosidade, sua fé e, principalmente, demarcar o seu lugar na sociedade que muitas vezes o ignora por ser pessoa de pouca escolaridade e de baixa renda.

Em João Pinheiro, os 47 grupos de Folias de Reis executam uma variedade de rituais que se mantêm ao longo do tempo e estão sendo constantemente reinventados de acordo com as múltiplas necessidades sociais dos grupos que interagem na festa máxima, o encontro anual, planejado e executado pela Associação dos Foliões de Santos de Reis.

As festas, como a elaboração da identidade sócio-cultural dos grupos populares que as produzem, historicamente constituídas e reproduzidas nos contextos das sociabilidades rurais, passaram e continuam passando por transformações e acréscimos de novos significados, na medida em que foram incorporadas ao processo de urbanização.

As transformações dos costumes dos foliões, no que tange ao giro⁶, denotam mudança necessária para a adaptação ao mundo urbano. Isto fica

⁶ Giro é o nome atribuído à jornada realizada pelos foliões. Nessa jornada eles visitam as residências em busca de donativos para a realização da festa. No passado o giro em João Pinheiro, era feito do dia 25/12 até o dia 05/01 quando acontecia a festa. Com a transferência dos grupos de foliões para a cidade o giro passou ser feito apenas em uma noite, visitando várias casas no mesmo bairro.

evidenciado no depoimento do senhor Antônio Vieira dos Santos, folião de 67 anos de idade:

Etâ ! As fulias...as festas tanto que era animada sá! Porque naquele tempo era muito diferente de hoje. A diferença que o povo cantava mió, era tudo, era mais pouca gente, mais tinha aquela atenção com a fulia, dava no tempo nós fuliava 7/8 dias giro todo pra nós na roça. Saia andando primeiramente de a pé, de casa em casa, sabe? Pousava e visitava aquelas casas tudo, tudo. Tudo de a pé ou a cavalo, eu mesmo já girei demais a cavalo, mais foi anos de a cavalo. Agora, hoje lá na Taquara nois fulia de carro, uns 2 ou 3 dias, de carro, caminhão carrega o povo. Hoje é mais rápido, naquele tempo era muito importante. Rasava um terço nas casas, na fulia, no giro, tudo, tudo, esperava e girava, tinha gente, hoje o povo mudou tudo das roças [...]⁷.

Partindo-se das análises de Turner (1982), o ritual ganha uma dimensão importante no funcionamento das sociedades conhecidas como arcaicas. O autor enfatiza que esses rituais são importantes para a transformação radical das estruturas humanas, tanto sociais quanto psíquicas. Sua importância adquire outros significados na medida em que diz respeito à estrutura da sociedade em questão, percebendo-se, assim, a intrincada e complexa rede de relações simbólicas entre posições sociais cotidianas e a disseminação de poderes hierárquicos nelas inseridos. Os ritos estão presentes nas mudanças, nas posições, nos estados, status, idade dos indivíduos; porém, paradoxalmente, mantêm estruturas cotidianas funcionando e sendo reproduzidas.

Como observa Bourdieu (1996: 106): “Os ritos conseguem fazer crer aos indivíduos consagrados que eles possuem uma justificação para existir, ou melhor, que sua existência serve para alguma coisa”. Fazer parte do ritual das Folias de Reis é sair da invisibilidade social, é passar a fazer parte de um grupo que tem prestígio, por exercer uma função social de auxílio à manutenção de outras pessoas menos abastadas, tornando na visão de Bourdieu um “porta-voz autorizado”. Para esse autor, esse porta-voz autorizado necessita ser reconhecido

⁷ O Sr. Antonio é um folião atuante no município há mais de 50 anos; hoje possui um caminhão utilizado para fazer pequenos carretos e ganhar a vida. É um dos depoentes da pesquisa.

como legítimo. Legitimidade esta que a festa acaba por conferir aos foliões pinheirenses.

O encontro anual de Folia de Reis em João Pinheiro coloca essas pessoas no centro das atenções, elas se tornam alvos dos olhares, sua música ocupa a programação diária da emissora de rádio, tornam-se foco para algumas máquinas fotográficas e/ou filmadoras e, como um golpe de sorte, podem aparecer em um programa da televisão local. É a data máxima para os foliões. No encontro do ano de 2008, ocorrido nos dias dois e três de fevereiro, apresentaram-se 28 ternos de Folia de Reis, sendo 26 do município e dois visitantes. A chuva que caía torrencialmente impediu dois grupos da zona rural inscritos previamente de chegarem até a cidade; outro grupo não conseguiu transporte. No entanto, os capitães vieram para justificar a ausência do grupo e para fazer as doações. Percebe-se que o momento da doação é muito importante para os foliões. É um momento de afirmação social, sendo possível perceber certa disputa entre os grupos quanto ao montante de suas doações.

Esse encontro acontece oficialmente há 28 anos. Neste ano, o encontro representou um momento muito especial para os foliões de João Pinheiro, pois ocorreu a inauguração da sede da Associação dos Foliões de Reis. Houve, nesses dias, um planejamento cauteloso: as mulheres dos foliões decoraram a associação; foi designada uma equipe de cozinha, para que os alimentos fossem servidos em abundância e gratuitamente; e os foliões buscaram patrocínio entre comerciantes e fazendeiros locais, obtendo doações de mantimentos.

A partir do mês de novembro de 2007 era possível verificar ternos de Folias de Reis por todos os bairros da cidade, fazendo o giro e angariando as doações⁸ que foram entregues no encontro em fevereiro de 2008. Essas doações são destinadas há mais de 30 anos para a manutenção do Abrigo de Sant'Ana, ligado à Conferência de São Vicente de Paula, que acolhe 106 internos, oferecendo-lhes moradia, alimentação e assistência médica. No início da década de 1980, a entidade passava por verdadeiras privações devido aos poucos recursos materiais. Um grupo de foliões, que também fazia parte da Conferência de São Vicente de

⁸ As famílias visitadas pelos grupos de Folias de Reis doam alimentos, dinheiro, material de limpeza, quando as visitas acontecem na zona rural é comum ganharem porcos, galinhas e vacas.

Paula, articulou o primeiro encontro de Folias de Reis do município com o intuito de angariar rendas para o abrigo. Tal fato foi relatado por um folião, o senhor Antônio Vieira dos Santos:

Foi lá pelos anos 80, sei não ... 81, 82, o asilo tava passando muita falta, fazia dó, minha fia, aquele tanto de gente necessitada, e tinha dia que só tinha arroz pra eles cumê... foi aí que o cumpade Manezinho Barbeiro mandou um portador lá em casa. Eu fui... aí ele falou: cupade é pro sinhô ir na roça buscar seu pai e riunir todo mundo para nós fazer um giro e tirar renda para a vila vicentina... era assim meis de Julho, ai eu falei mais cupade , num é época de Festa de Reis e se povo disfeitiá nós? Ele respondeu... disfeitiá não! Se disfeitiá nós sai calado e vai cantar noutro lugar! Assim nós fez! Minina daí a 20 dia a festa foi na casa do Atamiro, aquele das bicilcletas! Cê sabe? Nós chegou assim de tardezinha, mais tinha tanta gente riunida, paricia uma festa mesmo, ai nós fizemos a entrega da fulia, depois foi a janta, ai o povo dançou a noite intirinha, de manhã cedo ainda tinha gente querndo dança mais! Minina e nós ganhou tanta vaca, porco, mantimento para o Asilo... dai a rádio, a União procurou nós e organizou o incontro, porque o dono era muito religioso, ele queria ajudar também os pobres. De lá pra cá nós nunca mais parou de fazer o encontro pra ajudá a conferência.

Nesse período, assiste-se a uma verdadeira efervescência dos “Ternos de Reis”. Os finais de semana dos foliões são sempre dedicados à folia. A pesquisadora teve a oportunidade de participar de dois giros diferenciados. O primeiro ocorreu em um assentamento rural entre o dia 24 de dezembro de 2007 e o dia 06 de janeiro de 2008, percorrendo 105 residências, e o segundo foi realizado no Bairro Água Limpa, no dia 12 de janeiro de 2008. Neste giro, foram visitadas 14 residências durante uma noite. Impressionaram a fé, a alegria e o dinamismo do grupo. Em cada casa eram cantados versos e pedia-se ao morador que abrisse a porta e recebesse Santos Reis. A bandeira era entregue ao morador (Figura 01) que, após beijá-la, a levava por toda casa para que esta fosse abençoada. Em seguida, a bandeira era devolvida ao alferes e o terno cantava outro conjunto de versos em agradecimento “à esmola”.



Figura 01: Terno de Folia de Reis da Água Limpa no giro pelo bairro.
Foto feita pela pesquisadora em 12/01/2008.

Na fotografia anterior percebe-se a hierarquia do grupo: sempre na frente o alferes, seguido imediatamente do capitão da folia. Existe uma performance que dispensa orientação; é como se a memória estivesse gravada no corpo, cada membro ocupa o seu lugar e em poucos segundos o grupo está posicionado e pronto para a sua apresentação.

O grupo de cantadores e instrumentistas que compõem uma folia de Reis é variado de região para região ou de um grupo para outro. A de Folia do Bairro Água Limpa é composta por um “capitão”, que canta primeiro, em voz solo e é o responsável pela organização da folia; em seguida vem a primeira, segunda, terceira, quarta, quinta e sexta voz. Os instrumentistas são compostos geralmente por um sanfoneiro, um pandeirista, dois ou três violinistas, um caixeiro e o tocador de cavaquinho ainda como parte integrante da folia, está o alferes, pessoa que conduz a bandeira e arrecada os donativos que são oferecidos. É ele quem caminha à frente da folia, com todos os foliões à sua retaguarda e ao chegar próximo à porta do morador a bandeira é aberta para ser saudada pelo dono da casa. Logo após o alferes com a bandeira, vêm os palhaços, em número de dois, que também são chamados de “Bastião, Guarda-mor e Bastiana”. É o alferes que faz a apresentação da folia ao dono da casa, com a seguinte frase, usada pelo Sr. Sebastião, de 63 anos, folião desde criança e alferes há 20 anos:

“Ô de casa, mora ô num mora?
Então sai cá fora
Que eu vô te conta uma história

Aqui tá essa nobre fulia
Os três Reis magos do Oriente
E nossa senhora na guia
Vem te fazer uma visita
Você cum sua famia.

Sabeno que o senhor
É um homem religioso,
Católico devoto do lugá
Aqui tá o desenho
Pro sinhô adora”

Na letra da música pode-se perceber a significação do papel ocupado pelo folião dentro do cortejo da Folia de Reis, é notável como o Sr. Sebastião se sente importante em exercer uma função que para ele é de extrema relevância, o alferes. Função essa que vem acompanhada de todo um simbolismo: o primeiro contato com o dono da casa, a permissão para adentrar na casa do devoto, a condução da bandeira, nas suas palavras “ninguém pode andar na frente do alferes... porque é assim! O alferes é que vai na frente!”.

Após ser concedida pelo dono da casa a permissão para entrar, continua o Sr. Sebastião que canta:

Então dá licença,
Vamo entrano meus fio de um a um, de dois a dois de três a três
até entra todos de uma vez.

A folia adentra a casa e os foliões saúdam os moradores cantando versos apropriados de acordo com as pessoas que se encontram presentes:

Deus vos salve nobre família
Que viemos visitar
Os três Reis magos do Oriente
É de vos abençoar

Nessa jornada a folia cumpre mais uma missão, até culminar com a chegada à casa do festeiro, onde se procede à entrega da folia. O festeiro é denominado imperador e é aquele que por “voto” ou devoção recebe a coroa para cuidar dos preparativos da festa, o que ocorre na noite do dia cinco de janeiro.

Na ocasião, a casa do festeiro recebe uma preparação especial, a partir do preparo das comidas, feitas com abundância para servir a todos que se fizeram presentes; a ornamentação do percurso por onde irá passar os foliões com arcos de bambu, representando a entrada da gruta de Belém e ao fundo uma réplica do

quadro da adoração dos magos ao Menino Jesus, onde os foliões encerram a cantoria.

4 A família como guardiã da memória das folias pinheirenses

A memória coletiva é uma das bases da identidade e que se pode traduzir em consciência histórica da própria cultura, não só em termos abstratos, mas também como cultura material: “A memória colectiva não é só chamamento à permanência de conteúdos factuais ou existenciais [...]. Ela está também escrita nos gestos, nos hábitos, e nos costumes dos grupos. Como as tradições orais também as tradições materiais são memória” (Cornnerton, 1993:45).

Assim, a memória vai construindo a tradição e a cultura imaterial pinheirense, no que tange à manutenção da Folias de Reis.

Uma das grandes preocupações dos foliões de João pinheiro é o desinteresse dos jovens em aprender os ofícios das Folias de Reis. Essa preocupação, de forma diferente, apareceu em todas as entrevistas gravadas. O Sr. José Carroceiro, folião pertencente ao grupo da Água Limpa, 57 anos de idade, evidencia esta preocupação em sua fala: “minina eu já fiz tudo pra insinar um jovem deste tocar rabeca, mais ninguém qué! Eles acha muito difícil... hora que eu morrer num tem ninguém pra tocar a rabeca aqui, na Água Limpa...”.

Tocar rabeca é um diferencial da performance do grupo de Folia de Reis do Bairro Água Limpa, entre todos os grupos do município de João Pinheiro apenas ele inclui em sua apresentação tal instrumento.

Outro folião que deixou claro a sua preocupação como o futuro das Folias de Reis é o Sr. Chico da Viola:

“professora a dança da catira em João Pinheiro vai acabar, nois mais veio num dá conta de dançar mais e os mais novo num qué aprender...quem sabe agora com esse trabaio da sinhora eles vê que nossas fulias são importante e resolve a aprender...quem sabe a sinhora serve de incentivo pros jovens valorizar?”

A catira é uma dança na qual, durante sua performance, os dançantes lançam mão de um grande número de passos e gestos, além da música.

Uma observação importante é que apesar de todos os foliões demonstrarem grande preocupação com o futuro das Folias de Reis, é possível perceber a presença de crianças e jovens, com grande intensidade nos ternos de folias locais:

Neste mundo religioso não se penetra por acaso. O folião se forma por tradição. É nas experiências concretas da vida, no núcleo da família e da vizinhança que se aprende a ser devoto, a gostar. Participar requer dom, competência. Mas antes de tudo é preciso crer que foi escolhido pelas contingências divinas. O aprendizado é longo. Desde criança acompanha-se o ritual. (Machado, 1998: 217)

Para ser um folião são necessários muitos anos de aprendizagem, mas também um “dom especial”; todos os entrevistados afirmaram que aprenderam a tocar, cantar, dançar por inspiração divina; é o caso do Sr. Antonio: “quando eu era menino eu ficava observando os foliões tocando viola, sanfona, cavaquinho, agente era muito pobre, meu pai não podia comprar uma viola, então eu fiz a minha primeira viola de paia de buriti, foi assim que eu aprendi, sem ninguém me ensinar... foi por graça dos Três Reis Santos.

Outro folião afirma ter aprendido sozinho sua performance: trata-se do palhaço Bastião da Folia Fazenda Facão. Deleon tem 20 anos de idade, dança catira e lundu e encanta a todos da platéia, tamanha é a sua disposição e alegria; ele afirma “ninguém me ensinou a ser palhaço, desde pequeno eu ficava observando o meu tio que era palhaço, um dia eu estava parado pensando e aquilo veio na minha ideia, acho que foi os Três Reis que me mandou um sinal, então eu fui para a folia”.

Na dança de Deleon é possível observar a materialização do conceito de performance, pois ele vai improvisando os passos, os versos e vai se inteirando com a platéia, assim o original é o que está acontecendo naquele momento. Ele

encara a sua brincadeira como uma devoção, durante a sua apresentação ele solicita donativos da platéia, que são destinados para o asilo. (ver Figura 2)



Figura 2: Bastião e Bastiana, palhaços da Folia de Reis da Fazenda Facão.
Foto feita pela pesquisadora em 02/02/2008.

Embora praticamente todos os foliões acreditem em uma inspiração divina para o aprendizado da arte de foliar, nas suas entrevistas sempre aparece a família como condutora do mesmo. Assim como todas as manifestações de origem rural, a Folia de Reis em João Pinheiro também é repassada oralmente, sendo a família a principal responsável pela formação do novo folião, como observou o capitão de folia, José Geraldo:

Olha a gente aprende até mais pela fé né? Eu até aprendi mais pelo meu pai, meu pai era alferio da folia de reis, e até foi passando por geração, meu vô era alferio passô pro meu pai, ai meu pai ficou doente, passo pro meu tio e eu sempre acompanhava, tinha um capitão aqui em João Pinheiro, o sr. Zé Lobo, eu acompanhava ele, eu era menino ficava assuntando o que ele tava cantando, e meu tio também chamava Zé Maria ... ele foi capitão lá em Bonifácio, minha família do lado da minha mãe veio de lá ... desse povo de Couto, então a gente fica através de família, mais hoje cantando mesmo tem mais e eu, meu irmão e um sobrinho meu.

Brandão (1989: 18) afirma que a aprendizagem adquirida na Folia de Reis não tem nenhuma relação com saber escolar, nem com saber não escolar, mas sim com processos sociais de aprendizagem, assim definido por ele:

As pessoas convivem umas com as outras e o saber flui, pelos atos de quem sabe-e-faz, para quem não-sabe-e-aprende. Mesmo quando os adultos encorajam e guiam os momentos e situações de aprender de crianças e adolescentes, são raros os tempos especialmente reservados apenas para o ato de ensinar.

Assim é possível perceber o papel da oralidade e da memória, assim como a atuação das famílias e da comunidade enquanto guardiã do saber da arte de foliar em João Pinheiro.

5 À guisa de uma conclusão

Sem sombra de dúvida, é possível afirmar que João Pinheiro constitui-se atualmente em um dos maiores contingente de grupos Folia de Reis do Brasil.

A existência de mais de 47 grupos de Folia de Reis no município pode ser explicada por ser essa uma região que até 1960 manteve-se isolada do restante dos pais, facilitando, assim a manutenção das tradições rurais. A distância dos grandes centros, a economia agrária e as grandes dimensões territoriais do município dificultaram a atuação do clero da Igreja Católica Oficial, abrindo caminho para a atuação dos leigos, no caso os foliões.

Os foliões pinheirenses são em sua maioria homens oriundos da zona rural do município, que se deslocaram para a cidade a partir da década de 1970, trazendo consigo a tradição da Folias de Reis e adaptando as suas performances à realidade da zona urbana.

Observa-se uma grande importância atribuída às folias por parte desses atores sociais; os foliões percebem a folia como um “desígnio de Deus” e não medem esforços para cumprirem as suas obrigações dentro das mesmas. Outro

ponto a ser destacado é o fato de um folião trazer respeito e admiração por parte da sociedade local; portanto, participar de um grupo de Folia de Reis é sair do anonimato da multidão é tornar-se conhecido na sociedade. A comunidade pinheirese valoriza os grupos de foliões e considera muito importante o seu trabalho em prol da manutenção do Abrigo de Sant'Ana.

Nas folias pinheirenses, o papel da família e da comunidade é extremamente importante para o aprendizado. Não existe na Folia um momento específico para ensinar a alguém a foliar; no entanto, é possível observar o aprendizado acontecendo na forma da imitação e da participação de crianças e jovens. A oralidade é o veículo que conduz os saberes dos velhos para os novos foliões.

Pode-se afirmar que João Pinheiro constitui um reduto da manifestação das Folias de Reis, ainda construída/reconstruída pelos homens simples do campo ou da periferia da cidade. Dos grupos locais, apenas um tem CD gravado e participa do encontro de Folias de Reis de Brasília, a maioria apenas tem contato com a mídia no dia do encontro anual, constituindo um manancial de fonte para os estudos culturais.

6- Referências Bibliográficas

BIÃO, Armindo. Estética Performativa e Cotidiano. In: TEIXEIRA, João Gabriel L. C. (Org.). Performáticos, performance e sociedade. Brasília: Editora da UNB: Transe, 1996.

BOURDIEU, Pierre. A economia das trocas lingüísticas. São Paulo: Edusp, 1986.

BRANDÃO, C.R. O que é educação. 25. ed. São Paulo: Brasiliense, 1989.

BRANDÃO, C.R. Sacerdotes de viola. Petrópolis: Vozes, 1981.

CASCUDO, Luis da Câmara. Dicionário do Folclore Brasileiro. 10.ed. Rio de Janeiro: Ediouro Publicações, 1998.

CASTELLS, Manuel. A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura – O poder da Identidade. Vol. 2. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CONNERTON, Paul. Como as Sociedades se Recordam. Oeiras: Celta Editora, 1993.

HALL, Stuart. A Identidade Cultural na Pós-Modernidade. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 10ª edição. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

MARCHI, Lia, SAENGER, Juliana e CORRÊA, Roberto, orgs. Os Tocadores. Curitiba: Olaria, 2002; Cd Folia de Reis – Irmãos Vieira, Brasília: Viola Corrêa, 2000.

MACHADO, Maria Clara T. Cultura Popular e Desenvolvimentismo em MG: caminhos cruzados de um mesmo tempo. Tese de doutorado. São Paulo: USP. 1998.

SILVA, Rubens Alves da. Performances congadeiras e atualização das tradições afro-brasileiras em Minas Gerais. Tese de doutorado. São Paulo: USP, 2005.

RIOS, Sebastião. Os cantos da festa do reinado da Nossa Senhora do Rosário e da Folia de Reis. Sociedade e Cultura, janeiro-junho, ano/volume 09, número 001, Universidade Federal de Goiás: Goiânia: 2006

SCHECHNER, Richard, O que é Performance? in O Percevejo. Revista de Teatro Crítica e Estética. Estudos da Performance. Ano 11, no.12, 2003.

TEIXEIRA, J.G.L.C. & Gusmão, R. Performance, tecnologia e sociedade. In: Teixeira, J.G.L.C. & Gusmão, R. (eds.) Performance, cultura e espetacularidade. Brasília: Editora UnB, 2000.

TIRAPELI, Persival. Festas da fé: Brasil. São Paulo: Metalivros, 2003.

TURNER, Victor. From ritual to Theatre. New York: PAJ Publications, 1982.

TURNER, Victor W. O processo ritual: estrutura e antiestrutura. Petrópolis: Vozes, 1974.